


A constituição axiológica do conto *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha


The axiological constitution of the short story *O reizinho mandão*, by Ruth Rocha

La constitución axiológica del cuento *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha

Thaiane Mileidi Klems Machado¹

 0009-0009-0058-2921

Cristiane Malinoski Pianaro Angelo²

 0000-0003-2297-890X

Adriana Delmira Mendes Polato³

 0000-0002-8764-4217

RESUMO: A produção dos discursos é indissociável das axiologias sociais – conceito relacionado aos valores e ideologias de determinado grupo social, de certa esfera de criação ideológica, de dada época, numa dada sociedade, e que se concretizam nos enunciados por meio de uma determinada entonação social compartilhada, sempre valorativa (Bakhtin, 2016; Volóchinov, 2019, 2021; Medviédev, 2019). Nessa perspectiva, este trabalho, fundamentado na teoria dialógica de Bakhtin e do Círculo, tem por objetivo compreender a constituição axiológica do conto *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha (2013). Para tanto, recuperam-se alguns conceitos essenciais da teoria dialógica, como contexto extraverbal, entonação e juízo de valor, e empreende-se a análise de fragmentos do conto para demonstrar como a narrativa suscita um posicionamento axiológico em relação a temas como poder e censura, nos anos da ditadura militar no Brasil, impelindo o leitor, na posição de sujeito constituído de seus próprios valores, em novo tempo e espaço, a ressignificar o conto, a questionar o seu entorno social e a ampliar sua consciência socioideológica.

PALAVRAS-CHAVE: dialogismo; axiologias; conto.

ABSTRACT: The production of discourses is inseparable from social axiologies – a concept related to the values and ideologies of a certain social group, of a certain sphere of ideological creation, of a given time, in a given society, and which are materialized in

¹ Mestre em Letras. Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO. E-mail: ecpthaiane@hotmail.com

² Doutora em Letras. Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO. E-mail: cristiane.mpa@gmail.com

³ Doutora em Letras. Universidade Estadual do Paraná/UNESPAR, Campo Mourão. E-mail: ampolato@gmail.com

statements through a certain shared social intonation, always evaluative (Bakhtin, 2016; Volóchinov, 2019, 2021; Medviédev, 2019). From this perspective, this work, based on the dialogical theory of Bakhtin and the Circle, aims to understand the axiological constitution of the short story *O reizinho mandão*, by Ruth Rocha (2013). To this end, some essential concepts of dialogic theory are recovered, such as extraverbal context, intonation and value judgment, and the analysis of fragments of the story is undertaken to demonstrate how the narrative raises an axiological position in relation to themes such as power and censorship in the years of the military dictatorship in Brazil, leading the reader, in the position of a subject constituted by their own values, in a new time and space, to give new meaning to the story, to question their social surroundings and to expand their socio-ideological awareness.

KEYWORDS: dialogism; axiologies; tale.

RESUMEN: La producción de discursos es indisociable de las axiologías sociales –concepto relacionado con los valores e ideologías de un determinado grupo social, de una determinada esfera de creación ideológica, de una época determinada, de una sociedad determinada, y que se materializan en enunciados. a través de una determinada entonación social compartida, siempre valorativa (Bakhtin, 2016; Volóchinov, 2019, 2021; Medviédev, 2019). Desde esa perspectiva, este trabajo, basado en la teoría dialógica de Bajtín y el Círculo, tiene como objetivo comprender la constitución axiológica del cuento *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha (2013). Para ello, se recuperan algunos conceptos esenciales de la teoría dialógica, como el contexto extraverbal, la entonación y el juicio de valor, y se emprende el análisis de fragmentos del relato para demostrar cómo la narrativa plantea una posición axiológica en relación con temas como el poder y la censura en los años de la dictadura militar en Brasil, empujando al lector, en la posición de sujeto constituido por sus propios valores, en un nuevo tiempo y espacio, a dar un nuevo significado a la historia, a cuestionar su entorno social y a ampliar su conciencia socioideológica.

PALABRAS CLAVE: dialogismo; axiologías; cuento.

Considerações iniciais

Fundamentado nos pressupostos de Bakhtin e do Círculo, este trabalho tem por objetivo compreender a constituição axiológica da obra literária *O reizinho mandão* (2013 [1978]), de Ruth Rocha, levando-se em conta que “todo enunciado é antes de tudo uma *orientação avaliativa*” (Volóchinov, 2021 [1929], p. 236, grifos do autor).

Emergente da esfera literária, que “reflete, em seu ‘conteúdo’, a totalidade do horizonte ideológico, do qual ela é parte” (Medviédev, 2019 [1928], p. 60), o conto, como um enunciado relativamente estável, entre os mais diversos existentes dentro dos campos de utilização da língua (Bakhtin, 2016 [1979]), constitui-se como representação de um recorte da vida cotidiana. Sendo assim, o conto “O Reizinho Mandão” (Rocha, 2013 [1978]), publicado em meio ao momento histórico brasileiro

de ditadura militar, constitui-se num projeto dizer sobre poder, política e sociedade, cuja dimensão linguística integra uma dimensão extraverbal, do que resulta a mobilização de valorações e respectivas concretizações entonacionais que conferem vida ideológica ao discurso. Nessa perspectiva, trazer à tona a constituição axiológica do conto significa (des)revelar embates sociais, históricos, políticos, culturais, da realidade viva e inerente da sociedade, a instigar um posicionamento mais crítico, questionador e consciente em relação aos fatos sociais e a gerar novas acepções sobre o mundo circundante.

O trabalho está organizado em duas seções. Na primeira, é discutida a tríade axiológica: o contexto extraverbal, a entonação e o juízo de valor. Na segunda, apresentam-se as análises das dimensões verbais e extraverbais do conto, que indissociavelmente mobilizam sentidos no discurso e possibilitam ao leitor, na interação com o texto, a ampliação da sua consciência socioideológica, tendo-se em vista que “a consciência só pode ser sociológica” (Volóchinov, 2021 [1929], p. 97), nutre-se dos signos, cresce a partir deles.

Aspectos axiológicos da linguagem

Na perspectiva de Bakhtin e do Círculo, as palavras são signos ideológicos representativos de avaliações sociais consumadas entre interlocutores no enunciado. Tais avaliações constituem-se em valorações ancoradas em partidas ideológicas e servem à manifestação de posicionamentos axiológicos assumidos por sujeitos históricos situados e datados. Segundo Volóchinov,

(...) o signo surge apenas no processo de interação entre consciências individuais. A própria consciência individual está repleta de signos. Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo da interação social (Volóchinov, 2021 [1929], p. 95).

É a partir dos signos que a realidade está sempre atravessada de palavras alheias, julgamentos de valor e acentos, pois “o signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade” (Volóchinov, 2021

[1929], p. 92). Assim, no processo de interação discursiva, os signos realizam duas operações simultâneas, refletem a realidade, ou seja, apontam para uma materialidade do mundo, mas o fazem sempre de modo refratado. Essa refração indica a possibilidade de um mesmo signo descrever a realidade por meio de diversas interpretações, a depender de como é constituída a consciência socioideológica dos sujeitos, considerando que “no horizonte ideológico de qualquer época e de qualquer grupo social não existe uma única verdade, mas várias verdades mutuamente contraditórias” (Medviédev, 2019 [1928], p. 63).

Essa concepção de signo traz implicações na maneira como são concebidas as relações sociais na leitura de um conto, uma vez que são signos, palavras expressas, uma consciência realizada no meio ideológico. Os contos realizam-se como enunciados que, além de refletir e refratar a realidade de uma dada coletividade e época, também contribuem para a formação e ampliação de outras consciências individuais, a partir da interação social do leitor com o texto e o autor. Tanto leitor quanto autor trazem suas concepções de mundo, valores ideológicos, sociais e históricos que norteiam o modo como são construídos os sentidos. É esta interação que contribui para a consciência do leitor se nutrir e se ampliar, permitindo-lhe refletir e refratar os valores sociais.

Para os teóricos do Círculo, cada gênero discursivo tem seus próprios meios de apreender a realidade. O conto é um gênero discursivo pertencente à esfera da literatura que, por sua vez, ocupa um lugar de grande importância no meio ideológico. Nessa perspectiva, Medviédev (2019 [1928]) aponta que:

[...] assim como as artes plásticas ensinam o nosso olho a ver, aprofundam e ampliam a área de visão, da mesma forma os gêneros literários bem consolidados enriquecem nosso discurso interior com novos procedimentos de tomar consciência e compreender a realidade (Medviédev, 2019 [1928], p. 198).

De outro modo, em visão consoante a do autor, Cortázar (2006) afirma que o conto é um gênero discursivo potente, pois em seu poder de síntese assemelha-se à fotografia, expurgando digressões para fora do estilo, o que gera uma tensão em torno dos valores mobilizados para tratamento do tema. Essa tensão é percebida no

todo de sua formulação discursiva, a formar uma bolha que explode ao final da leitura, gerando novas acepções no leitor acerca da temática tratada.

Diante disso, a partir do dialogismo, o conceito de axiologia é de suma importância para a compreensão dos sentidos produzidos na e a partir dos enunciados, sendo formado de três elementos conjugados, indissociados: o contexto extraverbal, o juízo de valor e a entonação. Segundo Volóchinov (2019 [1926], p. 283), o enunciado é constituído por duas partes indissociáveis, “uma verbal e outra extraverbal”. A parte verbal, formada das marcas linguísticas, sinais de pontuação, dentre outros, reflete as relações sociais. A parte extraverbal consiste nos fatores subentendidos aos enunciados, que condizem à situação sócio-histórica de sua produção, interlocutores, tema e avaliações sociais consumadas. Portanto, para que se chegue a sua compreensão, necessita-se da parte explícita que são os fatores verbais e da parte extraverbal que lhe dá sustentação.

O extraverbal, portanto, compreende o horizonte espacial e temporal, o conhecimento comum compartilhado e a avaliação comum da situação, o horizonte valorativo (Volóchinov, 2019 [1926]). Assim, o conjuntamente visto e o conjuntamente sabido se integram ao conjuntamente avaliado, permitindo que autor e leitor compreendam a entonação e a expressividade do enunciado que propiciam relações de significação e sentido entre os centros de valores *eu - outro*.

No processo do emprego vivo de um enunciado concreto, emanam juízos de valor, considerados como atos sociais atravessados por ideologias que constituem um sujeito dentro do seu grupo social (Volóchinov, 2019 [1926]), assim são produtos de um julgamento pessoal, mas constituídos, a partir dos valores que permeiam a sociedade. Todo juízo de valor se estabelece com base nos valores sociais já existentes, os quais são confirmados, repetidos, transformados, formando os enunciados. Dessa maneira, só ocorre um juízo de valor individual porque há um exterior circundante. Nos termos de Volóchinov (2021 [1929]),

O centro organizador de qualquer enunciado, de qualquer expressão não está no interior, mas no exterior: no meio social que circunda o indivíduo. [...] o enunciado como tal é inteiramente um produto da interação social, tanto a mais próxima, determinada pela situação de fala, quanto a mais distante, definida por todo o conjunto das condições dessa coletividade falante

(Volóchinov, 2021 [1929], p. 216).

Ainda de acordo com os estudos empreendidos pelo Círculo, a posição valorativa dos sujeitos está imbricada no enunciado, pois são as avaliações que determinam as escolhas das palavras e das formas gramaticais, que são concretizadas por meio da entonação. Portanto, “a entonação sempre está no limite entre o verbal e o extraverbal, entre o dito e o não dito” (Volóchinov, 2021 [1929], p. 123), estabelecendo uma relação estreita com o extraverbal. É por meio da entonação que a palavra vai além de seus limites verbais.

Bakhtin (2016 [1979], p. 33) revela a partir de seus estudos que sem a entonação “diminui-se a capacidade do discurso de produzir imagens”, pois a entonação participa do processo de produção de imagens do discurso interior e exterior do produtor/leitor ou falante/ouvinte, o que leva à constituição de significados e sentidos, a partir das relações sociais estabelecidas. Nessa perspectiva, o leitor, no processo de formação de significados, ao entrar em contato com o material linguístico, visualiza as imagens que os discursos produzem, consoante as palavras que foram obtidas nas muitas interações sociais, que constituem a “memória semântico-social depositada na palavra” (Dahlet, 1997, p. 264), formulada a partir da “reserva social de signos” (Volóchinov, 2021 [1929], p. 206).

O contexto extraverbal, a entonação e o juízo de valor são elementos constituintes do enunciado. À vista disso, os enunciados oferecidos à leitura são construídos a partir de determinados valores e, ao se realizarem, serem lidos, desenvolvem novos sentidos e geram outros valores, conforme o contexto histórico e social em que a situação comunicativa ocorre. Dessa forma, o leitor amplia a sua consciência socioideológica e adquire condições de assumir um posicionamento mais crítico, reflexivo e questionador em relação à realidade vivida.

A constituição axiológica no conto *O reizinho mandão*

O reizinho mandão (2013 [1978]), obra da escritora brasileira Ruth Rocha, conta a história de um príncipe muito mal-educado e mimado que assume o trono,

após a morte do pai, um rei justo e bom. A maior diversão do novo monarca é fazer leis, das mais absurdas possíveis. Os conselheiros até tentam ajudá-lo, dando-lhe conselhos, mas o rei os manda calar a boca, porque considera que, sendo o rei, ele é quem manda. De tanto o reizinho mandar as pessoas calarem a boca, todo o seu reino foi ficando em silêncio, com medo do rei, até que as pessoas acabaram desaprendendo a falar. No início, o rei gostou do fato de que ninguém o interrompesse, porém um dia acabou cansando da situação e foi pedir ajuda a um sábio no reino vizinho.

Ao encontrar o sábio, o rei conta a situação e é repreendido quanto às suas atitudes. Como modo de resolver o problema, o sábio manda o rei encontrar em seu reino uma criança que ainda sabia falar para que ela lhe dissesse o que fazer. O rei sai de porta em porta à procura da criança. Sua busca incansável termina ao chegar em uma casa e ser recepcionado por uma senhora que esconde uma garotinha. Ao questionar se a menina ainda sabia falar e ter como resposta o silêncio, o rei ficou desconfiado e furioso, começando a gritar. Nessa hora, seu papagaio que sempre o acompanhava, começa a gritar: "Cala boca! Cala boca". A menina, sem conseguir aguentar mais quieta, responde: "Cala boca, já morreu. Quem manda na minha boca sou eu!" Nesse mesmo momento, todos do reino começam a falar, cantar, gritar e rir. O rei fica apavorado com todo aquele barulhão e foge, sem ninguém saber seu paradeiro.

Na leitura do conto *O reizinho mandão*, atrela-se o verbal ao momento histórico de produção, ao horizonte espacial e temporal compartilhado entre os sujeitos, e a partir disso determina-se o tema da narrativa, as avaliações sociais imbricadas e compartilhadas, o que possibilita aos leitores fazer a relação com os próprios valores sociais, a produzir uma resposta também avaliativa. Nesse sentido, o tempo-espaço de publicação/produção da obra – o cronotopo – é o momento histórico de ditadura militar ocorrido entre os anos de 1964 e 1985, cujas práticas sociais, econômicas, culturais estão cerceadas por uma forte repressão política no Brasil. Essas relações perpassam e se entrelaçam no conto, pois “no cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios do espaço e do tempo num todo apreendido e concreto” (Bakhtin, 2018 [1937-1938], p. 12). Assim, os enunciados

refletem valores e posicionamentos sociais próprios ao seu contexto e que compartilhados entre autor e leitor, constituídos nesse horizonte ideológico, contribuem na produção dos sentidos e significações possíveis à situação política, histórica ou à situação mais imediata de produção-recepção-circulação do enunciado.

Antes de iniciar a narrativa, a obra traz versos com estilo de cordel, apresentados por um narrador/cantador.

Quando Deus enganar gente,
Passarinho não voar...
A viola não tocar,
Quando o atrás for na frente,
No dia em que o mar secar,
Quando o prego for martelo,
Quando cobra usar chinelo,
Cantador vai se calar... (Rocha, 2013 [1978], p. 5)

Os versos trazem um tom divertido e satírico a esse início da narrativa e nela hibridizam formas estilísticas variadas, mostrando-se como uma ambientação para o leitor, a respeito do que será tratado. Aborda-se o valor social da liberdade de expressão ou liberdade de falar, pois tratam de várias situações impossíveis que antecedem ao fato de um cantador ficar em silêncio. Integrando-se a dimensão linguística à dimensão extraverbal, a conjunção temporal “quando”, que aparece quatro vezes, marca esse valor de um tempo de silêncio, que nunca chegará pela impossibilidade de eventos óbvios como “passarinho não voar” ou “o mar secar”, a estabelecer uma crítica contundente à censura, a não liberdade de expressão próprias ao cronotopo opressor da ditadura.

Assim, o tema da falta de liberdade de expressão disposto nessa introdução situa a obra no seu tempo histórico. O conteúdo temático da obra é sempre cronotópico, pois reflete e refrata um campo de visão axiologicamente marcado (Volóchinov (2021 [1929])). Durante o regime militar, houve a montagem de um aparato repressivo embasado em leis, que deu sustentação para o acontecimento de atos brutais contrários aos direitos humanos. A censura é a principal marca do governo dessa época, pois não só reprimia os movimentos de resistência que ocorriam como forma de oposição, como também controlava qualquer que fosse o

meio de expressão cultural ou intelectual que representasse ameaça ao regime (Garcia, 2018).

As rimas presentes nos versos – voar/tocar, secar/calar, martelo/chinelo, gente/frente”, apresentam, dessa forma, a resistência ao silenciamento que é imposto pelos governos ditatoriais autoritários. A censura tenta calar este artista, intelectual ou mesmo o povo, porém, conforme expõem os versos, nunca conseguirá esse feito. Esse valor é expresso, pelo material verbal, de forma cômica e soa como um convite ao leitor, para que se junte a esse cantador, a não se calar e a resistir.

Ao iniciar o conto, o narrador, em primeira pessoa, tenta estabelecer uma relação de intimidade com o leitor, ao ensejar, em tom familiar, que a história “O reizinho mandão”, era uma história de seu avô: “Eu vou contar para vocês uma história que o meu avô sempre contava” (Rocha, 2013 [1978], p. 6). Por meio dessa proximidade instituída, é recuperada a tradição oral da contação de histórias, o que é muito familiar para leitores infantis. Esse sentido valorativo de aproximação do texto-discurso e do leitor se dá em orientação dialógica para o outro, pois “todo enunciado é um discurso dialógico orientado para outra pessoa, para sua compreensão e resposta real ou possível” (Volóchinov, 2019 [1926], p. 280). Quando o sujeito realiza seu projeto de dizer, ele leva em conta seu interlocutor – neste caso, o público infantil e, por adição, os leitores adultos, os possíveis contadores dessa história às crianças, professores, familiares, que são os supradestinatários terceiros os quais a obra também alcança.

Conforme Volóchinov (2019 [1926], p. 280), “A orientação social é justamente uma daquelas forças vivas organizadoras que, junto com as condições do enunciado (a situação), constituem não somente a sua força estilística, mas até mesmo sua estrutura puramente gramatical”. Dessa forma, a autora-criadora⁴ considera o leitor infantil como seu interlocutor mais próximo e organiza seu discurso para que seja compreendido e obtenha uma possível resposta deste. Toda a organização linguística é elaborada para que o interlocutor possa organizar seu posicionamento axiológico a respeito dos valores sociais postos à discussão.

⁴ Bakhtin (2003 [1920-1924]) diferencia o autor-criador do autor-pessoa. Para o teórico russo, enquanto o primeiro é um elemento da obra, o segundo é um elemento do acontecimento ético e social da vida.

A história aconteceu “há muitos e muitos anos, num lugar muito longe daqui”, situando o leitor no espaço e tempo longínquo, como em contos de fadas. Os recursos linguísticos permitem que o leitor possa imaginar o lugar e o tempo, entretanto esta história que já aconteceu pode estar ocorrendo em outro lugar e num outro tempo novamente, como é próprio à atemporalidade de valores mobilizados na esfera literária; é dessa maneira que os adultos costumam contar histórias para que as crianças consigam assimilar lições morais e aprender fatos sobre seu presente, sobre seu espaço.

O narrador conta como era o antigo rei desse lugar, um rei “muito bonzinho”, “muito justo”. Ao dar essas qualificações ao soberano, é usado o advérbio de intensidade “muito”, indicando que esse rei não era só bom ou justo, mas possuía essas qualidades com abundância, e também “tudo o que fazia era para o bem do povo” (Rocha, 2013 [1978], p. 7), valores esperados pelos governados em relação a um governante. Entretanto, o narrador explica que “esse rei era rei de história” (Rocha, 2013 [1978], p. 7) e por isso possuía tais qualidades, deixando ao leitor uma possível interpretação de que tais governantes tão perfeitos só existem na ficção, instigando-o a ter uma consciência questionadora quanto ao mundo que o cerca.

Dando continuidade à narrativa, o narrador informa que “esse rei morreu, porque era muito velhinho, e o príncipe, filho do rei, virou rei daquele lugar” (Rocha, 2013 [1978], p. 7), ou seja, o príncipe assume o trono sem a consulta do povo, levando ao momento histórico de produção da obra, pois, durante a ditadura, os presidentes que assumiram o posto, foram todos eleitos indiretamente, sem a participação de escolha democrática da população. Note-se, aqui, que se trata do príncipe, “filho do rei”, sem marcas de diminutivo, como príncipezinho, filhinho ou reizinho, a evidenciar pelo material verbal que o novo monarca poderia carecer de empatia e generosidade.

O príncipe é apresentado pelo narrador como um “sujeitinho muito mal-educado, mimado” (Rocha, 2013 [1978], p. 8) que virou rei daquele país. Ressalte-se que o reizinho mandão e os outros personagens da história não possuem nome na narrativa, o que sugere que pode ser qualquer pessoa. Logo, o que fica evidente em todos os personagens são as suas atitudes, despertando no

leitor questionamento concernente aos juízos de valor que as subsidiam.

Dessa forma, na narrativa são usados os recursos linguísticos para ressaltar os valores do príncipe, agora reizinho. O narrador descreve cada um dos comportamentos do novo rei e, ainda, amplia as considerações inserindo situações comuns do cotidiano da criança, ao exemplificar e comparar as ações do rei com as de uma criança, como no excerto: “O príncipe era um sujeitinho muito mal-educado, mimado, destes que as mães deles fazem todas as vontades, eles ficam pensando que são os donos do mundo” (Rocha, 2013 [1978], p. 8). Aqui, a autora-criadora institui um narrador próximo do universo cultural das convivências infantis, para descrever que o príncipe era mal-educado e mimado, e explicar a seu leitor que há muitas crianças que se comportam como esse príncipe: “Eu tenho uma porção de amigos assim. Querem mandar nas brincadeiras [...] Querem que a gente faça tudo o que eles gostam [...]” (Rocha, 2013 [1978], p. 8). À medida que são descritos tais comportamentos, são inseridos valores sociais que, apesar de fazer parte do mundo infantil, são repudiados pela sociedade, como: *mimado* – termo depreciativo destinado a crianças que apresentam problemas comportamentais por seus pais terem sido excessivamente indulgentes; *malcriado* – adjetivo dado a pessoas que não recebem educação alteritária e, por isso, não respeitam os outros, reproduzindo comportamentos estúpidos e grosseiros.

Ao se tornar rei daquele lugar, o príncipe acumulou adjetivos: “Precisa ver que reizinho chato que ele ficou! Mandão, teimoso, implicante, xereta!” (Rocha, 2013 [1978], p. 10). Tais valores atribuídos à personagem corroboram sua construção orientada ao tema central na narrativa, que é de crítica ao regime ditatorial, pois é valorado como inoportuno, intrometido, autoritário. O próprio substantivo “reizinho”, no diminutivo, atribui ao personagem uma conotação diminuta, depreciativa, não merecedora de reconhecimentos. Assim, os recursos linguísticos escolhidos para qualificar o rei, atualizados no discurso, denotam a posição axiológica da autora-criadora quanto a valores antidemocráticos, instigando o leitor a repudiá-los.

Ao longo de todo o conto, são estabelecidos diálogos com o leitor, refletindo e refratando nos elementos linguísticos a compreensão responsiva da autora em relação a governos antidemocráticos, o que fica evidente a partir das entonações

valorativas ensejadas. Assim, na frase “Precisa ver que reizinho chato que ele ficou!”, além de ser usada a forma verbal no presente do indicativo, instituindo um leitor observador próximo, íntimo ao narrador para avaliar criticamente a postura do rei, ainda se apresenta um ponto de exclamação, justamente para expressar de forma eloquente toda a indignação quanto ao que o príncipe se tornou, logo que se transformou em rei. Nesse sentido, a entonação leva “a palavra para fora de seus limites” pois é por meio dela que a “palavra entra em contato com a vida” (Volóchinov, 2019 [1926], p. 123), e é estabelecida essa relação com o leitor. O mesmo ocorre em “Quando eu digo tudo, era tudo mesmo!” (Rocha, 2013 [1978], p. 10), em que o narrador, além de explicar que o rei queria mandar em tudo, conjuga nos elementos verbais entonações valorativas de denúncia à amplitude do alcance do autoritarismo, da indignação e da ironia –“era tudo mesmo!” – propiciando a esse leitor dar respostas a esse discurso, instigando-o para o debate e, conseqüentemente, ampliando sua consciência socioideológica.

Na narrativa, são apresentados recursos linguísticos que possibilitam a seu interlocutor entender seu posicionamento quanto às questões políticas. O reizinho se diverte irresponsavelmente em criar “leis e mais leis” e estas leis ainda eram “as mais absurdas do mundo”, por apenas servirem para reforçar seu poder autoritário e opressor, seus caprichos. No intuito de explicar para seu leitor infantil, que talvez ainda não tenha desenvolvido o conceito de lei, exemplifica algumas leis criadas pelo reizinho:

Olhem só esta lei:

“Fica terminantemente proibido cortar a unha do dedão do pé direito em noite de lua cheia!”

Agora, porque é que o reizinho queria mandar no dedão das pessoas, isso ninguém jamais vai saber (Rocha, 2013 [1978], p. 11).

A partir da alegoria formada no discurso pela mobilização do valor de inutilidade pública da criação da lei, que é concretizada na entonação irônica, são realizadas as observações necessárias para que a criança possa entender que uma lei é imposta por uma autoridade, pois usa o verbo proibir e ainda explica que seria utilizada como forma de o rei mandar no dedão das pessoas, mesmo que ninguém, nem o narrador soubesse o porquê. O advérbio “terminantemente” potencializa a

proibição, como algo indiscutível, decisivo, não passível de recusa ou outra opção. O narrador expõe seu posicionamento a respeito da legislatura do novo rei, pois a chama de “tolices” e argumenta “Eu tenho a impressão de que era mesmo mania de mandar em tudo” (Rocha, 2013 [1978], p. 11), a questionar se as leis eram feitas para o bem do povo mesmo. Ao dispor o discurso em forma de uma conversa oral com o leitor, o narrador usa da entonação para “colorir” esse discurso, pois “a percepção da obra poética é a sua entonação interior, porém as ênfases fundamentais e mais sutis dessa entonação interior realizam-se na escolha e disposição do material verbal” (Volóchinov, 2019 [1926], p. 226), assim criando, no leitor, a possibilidade da entonação oral, pois é como se “cada um dos seus elementos fosse colorido por essa possibilidade, que deve ser sentida” (Volóchinov, 2019 [1926], p. 226).

É a partir desse “colorido emocional”, “tom emocional”, “elemento axiológico”, “auréola estilística”, conforme assinalado por Bakhtin (2016 [1979], p. 50), que são selecionadas as palavras do enunciado, enquanto são rejeitadas outras, pois por meio delas os sentidos correspondentes ao tom valorativo são expressos. Dessa forma, é possível compreender a posição valorativa da autora-criadora, quanto às normas e regras estabelecidas por autoridades de forma egocêntrica, autoritária, que visam apenas ao bem próprio e ao reforço do autoritarismo, sem levar em conta a coletividade.

Em contraposição a isso, o valor esperado de um governante para balizar atitudes que garantam o bem estar da nação é disposto na narrativa: “um rei tem de fazer leis importantes, para tornar o povo mais feliz” (Rocha, 2013 [1978], p. 12). A partir do adjetivo *importantes*, a autoria (des)revela a inutilidade das leis criadas pelo reizinho. Dessa forma, é revelada ao leitor a conduta correta esperada de um governo compromissado em “tornar o povo mais feliz”, compreendendo que a função de um governante é fazer leis em prol do povo e não apenas em benefício próprio, ou para satisfazer o desejo infantil e inconsequente de mandar, exercer poder autoritário, como o reizinho fazia.

O reizinho, que não queria receber conselhos, começava a ficar vermelho de raiva, bater os pés no chão e gritar de maus modos: “- Cala boca! Eu que sou o rei.

Eu é que mando!” (Rocha, 2013 [1978], p. 12). Dessa forma, demonstra-se que a atitude do personagem era infantil, colérica, pois se comportava de forma inapropriada, a justificar o porquê de o reizinho levar a qualificação de mandão, pois instituiu leis que afetavam a todos, e ainda se posicionava de forma autoritária em relação a quem era contra suas atitudes. Se observamos o momento histórico da ditadura militar, percebemos que havia um aparato político de censura, com o objetivo de silenciar os que eram oposição ao governo. A oração “Cala Boca!” é o ideograma mais evidente de silenciamento, cujo imperativo não soa como um pedido, mas sim prospecta uma entonação de ordem, de ameaça, visto que representa um enunciado que sacramenta relações sociais hierárquicas. Na literatura, os ideogramas manifestam a composição das ideias a partir das relações dialógicas, ou relações de sentido com enunciados já ditos. Machado (2001), ao considerar que a ideologia é geradora de formas refratárias de valores (Bakhtin, 2022 [1963]), explica que:

É no ideograma que a refração distingue a força dos posicionamentos, ao mesmo tempo em que confere concretude aos enunciados de um em relação aos outros. Isso porque o ideograma define, a um só tempo, os acentos de valores na criação dialógica e o processo analítico que permite formular criticamente o entendimento das interações no embate das relações dialógicas e das refrações que nela se manifestam como reações ativas de alteridade (Machado, 2021, p. 134).

É o que ocorre com a expressão “Cala a boca!”, que constitui, na vida cotidiana e na obra literária, um enunciado representativo de relações hierárquicas de poder, de autoritarismo, silenciamento do outro. No caso da obra, como enunciado pertencente ao reizinho mandão, a ela se agregam os reacentos de birra, infantilidade, cólera e desajuste.

A figura do único companheiro do rei, um papagaio, surge no desenvolvimento da narrativa. É ele quem repete os desmandos de “Cala a boca” do rei durante a história, inclusive direcionando para a própria majestade, quando se cansou do falatório. Também é o único que não é silenciado pelo rei, mesmo quando todo o reino já não sabia falar, o animal continuava comunicando e repetindo as palavras do monarca. Conforme definições estabilizadas, o papagaio pode ser a

pessoa que repete de memória o que ouve ou lê sem, no entanto, compreender o que está falando, nos trazendo a representação de um indivíduo que fala sem pensar, sem compreender, apenas repete as ações de outras pessoas.

No conto, o animal ainda é o primeiro personagem a confrontar o rei; mesmo que irracionalmente, o papagaio passa a mandar o monarca também a calar a boca, por meio da repetição. O papagaio não é amigo do rei, é apenas um companheiro – “pelo menos era uma companhia” – assim talvez a motivação do pássaro em ficar perto de uma pessoa autoritária seja a de que o rei ainda o alimentava, portanto, o papagaio era um dependente e mesmo duvidando das ações do rei, ainda para ele era melhor ficar por ali. Isso corresponde ao fato de existir certas pessoas que, mesmo não concordando com um tipo de governo, autoridade, ainda se submetem a continuarem subalternas, sem tentar uma mudança, ou que aceitam a orientação ideológica de certas condições por não compreenderem exatamente o que está sendo falado ou feito. Assim, o que o papagaio representa socialmente, é atualizado no discurso, conforme os valores sociais compartilhados entre autora e leitores.

As pessoas do reino calaram-se cada vez mais e o reino foi também ficando silencioso. Ao explicar o motivo dessa atitude, o narrador esclarece: “É que todo mundo tinha medo de levar pito de rei.” (Rocha, 2013 [1978], p. 14). Ao usar entonação “levar pito”, a autora-criadora usa novamente um ideologema comum a crianças e adolescentes para definir uma repreensão, da qual as pessoas tinham “medo”. A censura praticada durante o regime militar tornava a população cada vez mais silenciada, assim como na narrativa, pois o cerceamento era praticado dentro das atividades artísticas e intelectuais, proibindo cada vez mais todas as formas de expressão. A entonação aqui selecionada – orientando-se em duas direções: para o ouvinte e para o objeto do enunciado, conforme defende Volóchinov (2019 [1926]) – aproxima o ambiente político vivido por adultos ao universo infantil, quando propõe à criança entender o tipo de medo que as pessoas viviam naquele momento, o medo da repreensão e da repressão, que leva ao silenciamento e à apatia, atitudes e valores presentes na sociedade.

“E o reizinho foi percebendo, devagar, o que ele tinha feito com seu povo.” (Rocha, 2013 [1978], p. 18), logo o reizinho percebeu as consequências de suas

ações enquanto autoridade naquele país. Os valores sociais esperados de um governante são mostrados ao leitor durante a narrativa. Com o desenrolar da história, o leitor pode perceber que esse rei seguiu por um caminho que o deixou na solidão, pois “tudo o que a gente faz sozinho acaba cansando”. Agora, o reizinho desejava que as pessoas falassem e as ameaçava de prisão caso não falassem, “mas ninguém dizia nada. Não é que as pessoas não quisessem falar. Elas não sabiam mais falar, mesmo!” (Rocha, 2013 [1978], p.17).

As leis feitas durante seu governo impuseram às pessoas o silêncio, a repressão, a impossibilidade de informação, de contrapalavras e de reação, deixando-as na ignorância, o que impedia que tivessem meios de reivindicar seus direitos, restando-lhes obedecer. Ao notar isso, o leitor pode perceber que o próprio rei se sentiu triste, com “uma dor na consciência” (Rocha, 2013 [1978], p. 18) pelo silenciamento da população. O reizinho decide procurar ajuda na cidade vizinha, onde “era um tal de gente cantando, dançando, conversando [...]” (Rocha, 2013 [1978], p. 20), que deixa ao leitor a possibilidade de compreensão e posicionamento responsivo quanto ao tipo de sociedade desejada, uma sociedade com várias vozes, perspectivas, ideias e opiniões diferentes.

A contraposição da imposição do silenciamento e da decorrente da cultura do sério pelo reizinho mandão à cultura da alegria, do riso, vigentes em outra sociedade, nos remete à análise feita por Bakhtin (2010 [1965], p. 78) da obra de Rebelais, na qual discute que o “sério é oficial, autoritário, associa-se à violência, às interdições, às restrições”, enquanto que o riso “supõe que o medo foi dominado”. Para o autor, “o riso não impõe nenhuma interdição, nenhuma restrição. Jamais o poder, a violência, a autoridade empregam a linguagem do riso” (Bakhtin, 2010 [1965], p. 78). Fato é que o reizinho se sentiu sufocado com a tristeza de seu povo.

Assim, busca uma solução para seu reino e, ao encontrar o tal sábio, sua reação é diferente da atitude com as pessoas de seu reino. Apesar de o velhinho falar constantemente, “pelos cotovelos”, o monarca age com educação, tentando agradar ao sábio, visto que precisa dele para resolver a situação. A entonação, *dar um pito*, produz a imagem do sábio bravo para com a atitude do rei. “-Pois é – ele dizia, - Vai mandando calar a boca, não é? Depois aguenta! É isso que dá!” (Rocha,

2013 [1978], p. 23). Após a bronca, o velho sossega, senta junto ao reizinho e diz: “Olha aqui, mocinho. Esse negócio de ser rei não é assim, não! Não é só ir mandando pra cá, ir mandando pra lá. Tem que ter juízo, sabedoria. As coisas que um rei faz fazem acontecer outras coisas.” (Rocha, 2013 [1978], p. 24). A disposição linguística das falas contribui para que a entonação efetive o posicionamento de repreensão (bronca) e aconselhamento do sábio para o reizinho, dado que “a mesma palavra, a mesma expressão, se pronunciadas com entonações diferentes, também adquirem significações diferentes” (Volóchinov, 2019 [1926], p. 287). A atitude do sábio mostra valores sociais que autoridades devem ter – valores distantes daqueles do reizinho, autoritário, mandão, – e as consequências de atos.

A solução dada pelo sábio para desfazer o encanto do silenciamento no reino, é o rei encontrar uma criança que saiba falar, para lhe dizer o que fazer. O valor da perspicácia e da inteligência infantil emerge mais uma vez na narrativa. Quando o rei questiona o sábio sobre saber tudo, ele responde: “- Saber, eu sei, de muitas coisas. Mas isso não. Procure uma criança que saiba falar. Essa, sim, pode ensinar você” (Rocha, 2013 [1978], p. 26). Mas de que forma essa criança poderá ensinar um rei? Após muito procurar, o reizinho finalmente encontra a solução, uma menina escondida: “magrinha, de trança comprida e avental xadrez” (Rocha, 2013 [1978], p. 31). Ao se direcionar à menina, o reizinho tenta ser cortês, pois pergunta com a vozinha toda macia: “-Então, linda menina! Não vai me dizer alguma coisa?” (Rocha, 2013 [1978], p. 32), é justamente essa voz no diminutivo com o adjetivo macia que produz a imagem da entonação valorativa, do rei, que por precisar da solução para o reino, mascara sua falta de educação. Ao não conseguir nenhuma palavra da criança, fica bravo e começa a gritar, até que o papagaio também grita: “Cala a boca!” e no mesmo instante a menina grita com toda a força: “– Cala a boca já morreu! Quem manda na minha boca sou eu!” (Rocha, 2013 [1978], p. 34), nesse instante ouve-se um estalo e todos no reino voltam a falar. O ideograma “cala a boca!” é combatido pela resposta que enseja libertação.

A expressão “Cala a boca já morreu! Quem manda na minha boca sou eu!” é um ditado popular muito conhecido pelas crianças. A rima provocada pelo ditongo ‘eu’, é cômica e apreciada pelo público infantil, propagando os valores de não

submissão e resistência e, nessa perspectiva, se tornou uma expressão contra a censura praticada por governos. Ao ser expressa por uma criança remete à igualdade e à liberdade das discussões entre as crianças, entre as quais geralmente não se impõem hierarquias. Ao mesmo tempo, remete ao sentido de que a censura sempre poderá existir, mas haverá sempre uma geração que resistirá ser calada.

Ressalta-se, ainda, que a expressão “cala a boca” esbravejada pela menina para manifestar seu posicionamento contrário à repressão do rei, foi a mesma expressão entonada pelo reizinho, a demonstrar que na atualização desse enunciado novos valores emergiram, a considerar o projeto de dizer da autora.

No decorrer da narrativa, o valor do poder, da democracia, da liberdade de expressão é construído e exposto como o que é melhor para a sociedade. O reizinho, que censurava, repreendia, atemorizava, saiu correndo com o barulho das pessoas que voltaram a falar, a demonstrar que a reação popular pode deter ações infundadas, inconsequentes por parte de um governo que não age para o bem do povo.

O término da narrativa nos leva a instituir relações dialógicas com a história “A princesa e o sapo” de Irmãos Grimm, que justamente trata dos valores de cumprir promessas, e não julgar ninguém pelas aparências.

Por isso, se você é uma princesa, vê lá, hein!
Não vá beijar nenhum sapo por aí...
Porque os reizinhos mandões
Podem aparecer em qualquer lugar! (ROCHA, 2013 [1978], p. 39).

Como o alerta é justamente para que se tome cuidado com os sapos, podem ser trazidos sentidos quanto às falsas promessas, observar se um rei de barba branca e capa vermelha realmente é tão justo e bom quanto parece, valores que apontam para as atitudes e discursos governamentais que sugerem um governo para o bem do povo, mas que na verdade atua em proveito próprio, prejudicando a população. A consciência de uma figura infantil questionadora, crítica e reflexiva na narrativa instiga a pensar na responsabilidade que todos devem ter, tanto de combater um governo autoritário, quanto de evitar sua volta. O pedido de cautela à princesa pode ser ressignificado para uma geração que deve aprender com a

história.

A autora-criadora, ao escolher os recursos linguísticos, desde o título, destaca más atitudes para caracterizar o personagem principal, selecionando responsivamente os recursos disponíveis na língua que possuem sentido pejorativo, e são conhecidos pela sociedade como um valor a ser repudiado em figuras de autoridade. Considerando o contexto de publicação e veiculação inicial da obra, percebe-se uma posição axiológica quanto ao governo brasileiro da época, à ditadura militar, mas ao mesmo tempo, o fato dessa aproximação com o universo do leitor, torna um posicionamento que deve ser assumido em qualquer época e por qualquer sujeito.

Governos ditatoriais existiram no Brasil e trouxeram muitas consequências à população e, mesmo chegando ao fim, o autoritarismo, a censura, o medo da repressão ainda podem existir em qualquer lugar. Portanto, é importante que a população esteja alerta aos sinais de que *reizinhos mandões* podem estar vestidos de sapo, prontos a retornar ao poder. Por meio da narrativa, a autora-criadora posiciona-se axiologicamente a respeito do poder e da censura nos anos da ditadura militar no Brasil.

A figura da criança é instituída ao leitor como um sujeito questionador, consciente, que não é facilmente manipulado e capaz de compreender e se posicionar contra as atitudes abusivas. Ao valorar o sujeito infantil, o leitor, adulto ou criança, consegue relacionar o poder e o autoritarismo aos valores sociais do seu meio, permitindo uma atitude de questionamento contra condutas abusivas de qualquer pessoa que detenha o poder, sejam líderes comunitários, líderes religiosos, políticos, patrões, sejam outros, de modo a assumir uma posição mais consciente no meio social.

Considerações finais

Neste artigo, à luz da perspectiva dialógica de linguagem, foi analisado o conto de Ruth Rocha, *O reizinho mandão (2013 [1978])*, para compreender a constituição axiológica na obra literária confrontando as dimensões verbal e

extraverbal para, assim, produzir sentidos ao texto-discurso publicado durante o período histórico de ditadura militar.

Constatou-se que os elementos axiológicos que emergem no conto constituem uma posição de crítica em relação ao regime ditatorial, às posturas autoritárias e agressivas dos governantes com opositores políticos e com a população em geral. Isso pode ser apreendido na relação dos elementos linguísticos do conto e do contexto extraverbal, que envolve uma avaliação, um juízo de valor quanto ao cenário político da época de publicação das obras, considerando que a palavra na vida não é autossuficiente, pois ela surge de uma situação cotidiana extraverbal e nutre com esta uma relação muito estreita (Volóchinov, 2019 [1926]).

A mobilização dos recursos linguísticos e extraverbais do conto contribui para uma posição valorativa de repúdio ao autoritarismo e à censura. Ao mesmo tempo, coloca a criança como questionadora, reflexiva e crítica perante as demandas sociais atuais. Assim, o conto está à espera de que seus leitores possam compreender, assimilar e ressignificar os valores que circulam socialmente, em novo tempo e espaço, de modo a se posicionar por meio da linguagem e se afirmar enquanto sujeito social e historicamente situado.

Referências

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2022 [1963].

BAKHTIN, M. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2010 [1965].

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016 [1979].

BAKHTIN, M. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo/SP: Editora 34, 2018 [1937-1938].

CORTÁZAR, J. Alguns aspectos do conto e Do conto breve e seus arredores. In *Valise de cronópio*. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo:

Perspectiva, 2006.

DAHLET, V. A entonação no dialogismo bakhtiniano. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 263-279.

GARCIA, M. Censura, resistência e teatro na ditadura militar. *Revista Coincitas*, Rio de Janeiro, ano 19, número 33, pag. 144-177, dez de 2018.

MACHADO, I. O conceito de ideograma na criação artística da obra de Dostoiévski. *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso, [S. l.], v. 16, n. 2, p.129-152 / Eng. 143, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/48601>. Acesso em: 18 out. 2023.

MEDVIÉDEV, P. *Método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradutoras Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2019 [1928].

ROCHA, R. *O reizinho mandão*. Ilustração Walter Ono. 27. ed. São Paulo: Salamandra, 2013 [1978].

VOLÓCHINOV, V. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas; organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo*. São Paulo: Editora 34, 2019 [1926].

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2021 [1929].

*Recebido em: 19 out. 2023.
Aprovado em: 30 dez. 2023.
Publicado em: 30 jun. 2024.*

*Revisora de língua portuguesa: Juliana Machado de Oliveira
Revisor de língua inglesa: Juliano Brambilla Neri
Revisora de língua espanhola: Laura Marques Sobrinho*

